

**NO ÁLBUM DE CARLOS GOMES\***

Para os filhos do céu gêmeas nasceram  
A inspiração e a glória.

Machado de Assis

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta ao “Álbum” de Carlos Gomes, p. 29, que se encontra no Museu Imperial, de Petrópolis, disponível em: <<http://200.159.250.2:10358/handle/acervo/215>>. O dístico foi encontrado pela profa. Letícia Malard. Editor: José Américo Miranda. Ver a nota na página seguinte.

## NOTA

### AO DÍSTICO A QUE DEMOS O TÍTULO DE NO ÁLBUM DE CARLOS GOMES

Esse dístico, composto por um verso decassílabo heroico e um hexassílabo (decassílabo quebrado), foi escrito pelo próprio Machado de Assis, que assinou abaixo dos versos, no “Álbum” que pertenceu a Carlos Gomes, com capa em jacarandá. Embora o álbum esteja disponível *on-line*, esses versos de Machado de Assis não são conhecidos e não foram registrados por J. Galante de Sousa, na *Bibliografia de Machado de Assis* (1955). O “Álbum” integra a Coleção Carlos Gomes, do Museu Imperial, de Petrópolis. O dístico, em página única, que recebeu o número 29, é datado de 23/11 [1870]. Foi encontrado, por acaso, pela professora Letícia Malard, quando pesquisava informações sobre a ópera *O Guarani* e o romance homônimo de José de Alencar.

Disponível em: <<http://200.159.250.2:10358/handle/acervo/215>>.

Primeiro acesso em 4 de setembro de 2020.

\* \* \*

## COMENTÁRIO

O verso decassílabo foi o verso mais usado por Machado de Assis, em suas *Poesias completas* (1901): mais da metade dos poemas da obra são compostos nessa medida (cerca de 56%, contados os quatro sonetos a Camões como um só poema),

frequentemente combinados com o decassílabo quebrado, o hexassílabo (como acontece no dístico aqui publicado).

O primeiro verso do dístico apresenta um fenômeno muito frequente na poesia machadiana: a justaposição de duas sílabas tônicas, no caso, a sexta e a sétima:

Pa|ra os | fi|lhos | do | **céu** | **gê**|meas | nas|ce|ram  
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A justaposição de sílabas tônicas, na língua portuguesa, exige o rebaixamento de uma das duas, desde que não haja pausa entre elas. Esse assunto rendeu uma polêmica entre Celso Cunha e Segismundo Spina, em 1982, a propósito do segundo verso de *Os Lusíadas*. (Cf. SPINA, 2001, p. 393-426)

No verso camoniano, entretanto, a colisão das tônicas ocorre entre um adjetivo e o substantivo qualificado por ele:

Que | da o|ci|den|**tal** | **prai**|a | lu|si|ta|na[.]  
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Toda a polêmica em torno desse verso surgiu da discordância de Segismundo Spina com M. Cavalcanti Proença, que defendia dever o acento principal recair sobre a quinta sílaba do verso (e não sobre a sexta – localização do acento que caracteriza o verso heroico). O problema surge do fato de não ser possível uma cesura (ou uma pausa) entre o adjetivo e o substantivo.

Na polêmica, Celso Cunha entrou do lado de Cavalcanti Proença, com um argumento que Said Ali já utilizara em 1948 (para evitar que o adjetivo “ocidental” fosse pronunciado como paroxítono – o que o deformaria bastante):

Pelo que acabamos de expor, deveria ler-se como paroxítono o adjetivo *ocidental*. Por outro lado, porém, devemos lembrar-nos de que o poeta fazia questão de dar relevo ao qualificativo, soberbo contraste com o ponto de partida do herói da Eneida. *Occidental*, deve, pois, ser enfático, mantendo a sua acentuação, embora se exalte ainda mais a expressão *praia lusitana*. (ALI, 1948, p. 20)

Nada disso acontece no verso machadiano, que assim se livra de polêmicas; nele as sílabas tônicas pertencem a dois substantivos distintos. Além disso, no verso do

dístico há cesura – “uma depressão elocutiva que os versos apresentam interiormente”, que deve ser distinguida da “*pausa* propriamente dita, que ocorre no final do verso ou entre hemistíquios de versos compostos”. (CUNHA, 2001, p. 409) Essa característica do verso de Machado de Assis o torna absolutamente perfeito, conforme à prosódia do português; nenhum artifício de pronúncia é necessário para torná-lo heroico.

O verso quebrado, que se segue ao decassílabo, completa-lhe o sentido, e confere ao conjunto uma complexidade que poderíamos qualificar de “dialética” – uma característica fundamental do pensamento do poeta, conforme constatou Astrojildo Pereira: “o processo dialético era nele coisa a bem dizer do berço, instintiva, congênita.” (PEREIRA, 1991, p.135) As palavras que formam o hexassílabo – “A inspiração e a glória” – unem os extremos da criação artística (no caso, do compositor Carlos Gomes): o elemento que está na origem dela – “a inspiração” –, ou seja, sua causa; e o elemento que dela resulta – “a glória” –, ou seja, sua consequência ou seu efeito. Essas entidades “gêmeas” (mencionadas no segundo hemistíquio<sup>1</sup> do primeiro verso) conciliam-se no “filho do céu” (forma pela qual é referido o compositor, no primeiro hemistíquio), o privilegiado Antônio Carlos Gomes – homenageado nos versos.

*José Américo Miranda*

## Referências

ASSIS, Machado de. [No álbum de Carlos Gomes]. In: Álbum de Carlos Gomes, p. 29. Coleção Carlos Gomes. Museu Imperial. Petrópolis. Disponível em: <<http://200.159.250.2:10358/handle/acervo/215>>.

ALI, M. Said. *Versificação portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1948. [A capa do livro traz a data de 1949.]

CAMPOS, Geir. *Pequeno dicionário de arte poética*. Rio de Janeiro: Conquista, 1960.

CUNHA, Celso. A propósito e sem propósito de um verso camoniano. In: SPINA, Segismundo. *Estudos de literatura, filologia e história*. Osasco: FIEO – Fundação Instituto de Ensino para Osasco, 2001. p. 407-417.

---

<sup>1</sup> “No sentido amplo, [hemistíquio] é cada um dos dois MEMBROS MÉTRICOS em que a CESURA ou PAUSA divide um VERSO; no sentido restrito, é a metade de um verso ALEXANDRINO.” (CAMPOS, 1960, p. 97)

PEREIRA, Astrojildo. *Machado de Assis: ensaios e apontamentos avulsos*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

SPINA, Segismundo. Contenda em torno do verso camoniano. In: *Estudos de literatura, filologia e história*. Osasco: FIEO – Fundação Instituto de Ensino para Osasco, 2001. p. 393-426.